

“Coragem, sou eu, não tenhas medo!” (Mt 14,27)

Simpósio Teológico de estudo em preparação ao Sínodo para a Amazônia
(REPAM, Roma 26.06.2019)

RELATÓRIO FINAL

No dia 15 de outubro de 2017 o Papa Francisco anunciou a convocatória de uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Amazônica. Com sua visita a Porto Maldonado (19/01/2018), na mesma região, iniciou o processo de escuta sinodal. Segundo a Constituição *Episcopalis Communio*, um Sínodo recorre três fases sucessivas: a preparação, a celebração e a atuação. Agora, estamos transitando a etapa de preparação, consulta e escuta orientadas para a realização da assembleia sinodal.

1. Caminhando para o Sínodo

O Sínodo tem um único tema: **AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL**. O tema considera a Amazônia não apenas como um território sociocultural, mas como uma Igreja com rosto próprio, como novo sujeito eclesial. O ponto decisivo é a busca de novos caminhos tanto para a vida eclesial como para a ecologia integral.

Nesta etapa estamos estudando o *Instrumentum Laboris* (IL), que é fruto do largo processo de escuta, e tem como finalidade desenvolver o tema sinodal de maneira organizada, ainda que provisório. O documento expressa com clareza que o processo seguirá com as etapas de recepção e atuação. “Este processo tem que continuar durante e depois do Sínodo, como um elemento central da vida futura da Igreja” (IL 3).

“O *Instrumentum Laboris* consta de três partes: a primeira, o ver-escutar, se intitula **A Voz da Amazônia** e tem a finalidade de apresentar a realidade do território e seus povos. Na segunda parte, **Ecologia Integral: o clamor da terra e dos povos** se debruça sobre a problemática ecológica e pastoral, e na terceira parte, **Igreja Profética na Amazônia: desafios e esperança**, a problemática eclesiológica e pastoral” (IL 4).

Nosso simpósio foi convocado pela REPAM, para ser um espaço de reflexão, diálogo e propostas nesta fase de preparação para a assembleia sinodal. No marco da terceira parte eclesiológica do IL, refletimos sobre os ministérios eclesiais desde as perspectivas bíblica, histórica, sistemática, pastoral e canônica. Esta contribuição deseja colaborar com os padres sinodais e com todos aqueles interessados no Sínodo.

2. Em nosso simpósio consideramos

A Amazônia é um lugar teológico (IL 144), uma região onde Deus nos interpela, um lugar de experiência pascal, um lugar ferido (IL 23) de pobres e outros, um lugar de migrações, de desencontro e extermínio dos povos (IL 23), mas também um lugar de esperança e bem viver (IL 24). Ao mesmo tempo, a Amazônia é um lugar de grandes

distâncias geográficas, diversidade biológica e diferenças culturais que, na pastoral da Igreja, ainda não foram adequadamente assumidas.

O Sínodo nos pede para escutar a voz da Amazônia (IL parte I), escutar o clamor da terra disputada, dos pobres e dos outros: indígenas, habitantes urbanos, ribeirinhos, mestiços, sem-terra, afrodescendentes e camponeses, grupos sociais diferenciados por suas múltiplas culturas (IL parte II), e, ao mesmo tempo, escutar os desafios e as esperanças de uma Igreja profética, samaritana e dialogal. (IL parte III).

A Amazônia é uma terra disputada não somente por grupos econômicos multinacionais, mas também por grupos que propagam uma teologia da prosperidade com base em leituras fundamentalistas da Bíblia. Estes grupos são atraentes para os povos, apesar de não valorizar positivamente suas culturas.

Em grande parte, estes movimentos se estenderam devido à falta da presença de ministros católicos por um tempo prolongado e a carência do sacramento da Eucaristia, constitutivo da Igreja, fonte e ápice da vida cristã. Essa ausência de sacramentos põe em risco a estrutura sacramental da Igreja.

Um olhar para a história da Igreja nos mostrou que a ordenação de homens casados não rompe com a tradição eclesial. Desde os começos da Igreja, junto com ministros celibatários, manteve-se a possibilidade de ministros casados, tal como se dá nas Igrejas católicas orientais e em alguns casos onde os ministros casados de outras confissões cristãs solicitaram ser parte da Igreja Latina.

3. Desde nosso simpósio, propomos

Que o Sínodo inicie seu trabalho assumindo uma tripla conversão (cf. IL 5, 102, 103):

- A conversão pastoral de uma Igreja que quer ser samaritana e profética (Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*).
- A conversão ecológica (ecologia integral proposta pela Encíclica *Laudato Si*).
- A conversão sinodal (Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*), que estrutura a função episcopal como a de “mestre e discípulo”, e reconhece a participação de todos os batizados que integram o Povo de Deus e que receberam o Espírito que nos faz “infalíveis *in credendo*” (EC 5,3; 20).

“O processo de conversão ao qual a Igreja é chamada implica desaprender, aprender e reaprender. Este caminho exige uma visão crítica e autocrítica que nos permita identificar aquilo que devemos desaprender, o que prejudica a Casa Comum e seus povos. Temos a necessidade de percorrer um caminho interior para reconhecer as atitudes e mentalidades que nos impedem de nos conectarmos conosco mesmos, com os outros e com a natureza” (IL 102).

O Sínodo não deve contentar-se em tratar esse ou aquele sintoma da situação eclesial. Devemos transformar nossa mentalidade. É preciso ir às causas. Precisamos olhar e atuar de maneira diferente, com mais Evangelho e com o sentido de Pentecostes. “A cosmovisão dos povos indígenas amazônicos inclui o apelo a libertar-se de uma visão

fragmentária da realidade, que não é capaz de entender as múltiplas conexões, inter-relações e interdependências” (IL 95).

Este olhar diferente exige uma Igreja em saída missionária desde e para as periferias, superando a mentalidade colonizadora em busca de uma “encarnação mais real para assumir diferentes modos de vida e culturas” (IL 113). Essa encarnação mais real do rosto amazônico da Igreja “encontra sua expressão na pluralidade de seus povos, culturas e ecossistemas [...], em todas suas atividades, expressões e linguagens” (IL 107). O *Instrumentum Laboris* cita o Documento de Santo Domingo: “a meta de uma evangelização inculturada será sempre a salvação e libertação integral de um povo ou grupo humano determinado, que fortalecerá sua identidade e confiança em seu futuro específico, criando oposição aos poderes da morte” (DSD 243, citado em IL 107). Em Porto Maldonado, o Papa Francisco se dirigiu aos sujeitos dessa inculturação: “necessitamos que os povos originários moldem culturalmente as igrejas locais na Amazônia” (Fr.PM).

Ao propor aos povos amazônicos como sujeitos da inculturação, assumimos a orientação do Papa Francisco para “superar a rigidez de uma disciplina que exclui e distância, por uma sensibilidade que acompanha e integra” (IL 126b; AL, 297 e 132).

Na Amazônia, como consequência das grandes distâncias, mas também por causa de uma teologia local e do povo de Deus, tudo aponta para uma “saudável «descentralização» da Igreja” (IL 126d; EG 16), que exige “o passo de uma «pastoral de visita» para uma «pastoral de presença», para reconfigurar a Igreja local em todas as suas expressões: ministérios, liturgia, sacramento, teologia e serviços sociais” (IL 128). Mas, para chegar a uma Igreja com rosto amazônico “espera-se uma pastoral específica, missionária e profética” (IL 132), com a paresia do Espírito.

Desde uma Igreja acolhedora da diversidade (IL 112,124) propomos uma encarnação mais real em todas as atividades, expressões, linguagens (IL 107) que abandone uma tradição colonial monocultural, clerical e impositiva para assumir, sem medo, as diversas expressões culturais (IL 110, cf. EG 184, EG 40).

Tendo em conta que a Igreja remodelou os ministérios ao longo de sua história, atendendo às transformações socioculturais, “Amazônia: novos caminhos” nos impulsiona a dialogar com as comunidades amazônicas sobre os diversos ministérios eclesiais e dos povos indígenas para o serviço da vida.

É necessário passar de uma pastoral de visita para uma pastoral da presença, com ministros autóctones, de modo que a Igreja seja uma Igreja com rosto amazônico, em diálogo estreito com as culturas e religiões dos povos.

Este simpósio sugere ordenar para o ministério presbiteral a homens casados, com experiência cristã, que sirvam a comunidade desde sua profissão e vida familiar e possam celebrar a Eucaristia, a penitência e a unção dos enfermos em sua comunidade. Se pede que “em vez de deixar as comunidades sem Eucaristia, se mude os critérios para selecionar e preparar os ministros autorizados para celebrá-la” (IL 126c).

Apreciamos o celibato como um carisma a serviço da Igreja. Ao mesmo tempo somos conscientes que sua obrigatoriedade para o ministério presbiteral é uma lei da Igreja Latina. Também constatamos que na mesma Igreja Latina foram outorgadas dispensas para ordenar homens casados. Por tanto, considerando as necessidades da

Igreja na Amazônia, deveriam ser admitidos ao ministério presbiteral não apenas celibatários, mas também homens casados.

De escuta da realidade amazônica, evidencia-se a missão indispensável que têm as mulheres. Portanto, é urgente para a Igreja identificar o tipo de ministério oficial que pode ser conferido à mulher, tomando em conta o papel central que hoje desempenha na Igreja amazônica. (cf. IL 129 a3). Nesse sentido, propomos que se reconheça sua liderança, promovendo diversas formas ministeriais de exercício e autoridade, e em particular se retome a reflexão sobre o diaconato das mulheres na perspectiva do Vaticano II. (cf. LG 29, AG 16 IL 129 c2). Com obstinada esperança, confiamos que as dissertações sinodais contribuam para promover a dignidade e igualdade da mulher na esfera pública, privada e eclesial (IL 146).

Com respeito à relevância da Igreja local para a Igreja universal, o IL segue as considerações da EG: “Não defendemos «um projeto de alguns poucos para poucos ou de uma minoria ilustrada» (EG 239)”. No diálogo construímos «um acordo para viver juntos um pacto social e cultural» (ibidem). Para este pacto, a Amazônia representa um *pars pro toto*, um paradigma, uma esperança para o mundo (IL 37). As principais questões da humanidade se tornam evidentes na Amazônia. “A Amazônia nos convida a descobrir a tarefa educativa como um serviço integral para toda a humanidade em vista de uma cidadania ecológica” (LS, 211) (IL 96). A Amazônia é um lugar de macroparentesco: tudo está conectado, toda humanidade é uma família (cf. IL 20ss).

Concluimos recordando uma das propostas finais do *Instrumentum Laboris*: “Dadas as características próprias do território amazônico, sugere-se considerar a necessidade de uma estrutura episcopal amazônica que leve adiante a aplicação do Sínodo” (IL 129 f 3).

***“Senhor, se és tu, envia-me ir ao teu encontro,
caminhando sobre a água” (Mt 14, 28)***